

## REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA OCUPACIONAL NA SAÚDE DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

**Resumo:** O objetivo do estudo foi analisar as evidências científicas referentes à violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem, com ênfase nos principais tipos, eventos desencadeadores, mecanismos de defesa e suas repercussões na saúde desses profissionais. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada por meio das bases de dados LILACS, BDNF e SciELO, totalizando 11 publicações categorizadas em: perfil e eventos desencadeantes da violência entre profissionais de enfermagem, mecanismos de defesa frente à perpetração da violência e repercussões da violência na saúde dos profissionais de enfermagem. É necessária a criação de políticas institucionais voltadas à saúde do trabalhador que promovam a proteção contra a violência e o enfrentamento adequado deste fenômeno por parte dos profissionais de enfermagem, favorecendo um ambiente saudável para o desempenho de suas atividades laborais.

**Descritores:** Violência no Trabalho, Profissional de Enfermagem, Saúde do Trabalhador.

Repercussions of occupational violence on the health of nursing professionals

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the scientific evidence regarding occupational violence suffered by nursing professionals, with emphasis on the main types, triggering events, defense mechanisms and their repercussions on the health of these professionals. It is an integrative review of the literature carried out through the LILACS, BDNF and SciELO databases, totaling 11 publications categorized in: profile and events triggering violence among nursing professionals, mechanisms of defense against violence perpetration and repercussions of violence in the health of nursing professionals. It is necessary to create institutional policies aimed at workers' health that promote protection against violence and the adequate coping of this phenomenon by the nursing professionals, favoring a healthy environment for the performance of their work activities.

**Descriptors:** Workplace Violence. Nurse Practitioners. Occupational Health.

Repercusiones de la violencia ocupacional en la salud de los profesionales de enfermería

**Resumen:** El objetivo del estudio fue analizar las evidencias científicas referentes a la violencia ocupacional sufrida por los profesionales de enfermería, con énfasis en los principales tipos, eventos desencadenantes, mecanismos de defensa y sus repercusiones en la salud de esos profesionales. Se trata de una revisión integrativa de la literatura realizada por medio de las bases de datos LILACS, BDNF y SciELO, totalizando 11 publicaciones categorizadas en: perfil y eventos desencadenantes de la violencia entre profesionales de enfermería, mecanismos de defensa frente a la perpetración de la violencia y repercusiones de la violencia en la salud de los profesionales de enfermería. Es necesaria la creación de políticas institucionales dirigidas a la salud del trabajador que promuevan la protección contra la violencia y el enfrentamiento adecuado de este fenómeno por parte de los profesionales de enfermería, favoreciendo un ambiente saludable para el desempeño de sus actividades laborales.

**Descriptorios:** Violencia Laboral, Enfermeras Practicantes, Salud Laboral.

**Hariane Freitas Rocha Almeida**  
Enfermeira. Pós-graduada em Auditoria, Planejamento e Gestão em Saúde e Enfermagem do Trabalho.  
**E-mail:** harianealmeida@hotmail.com

**Rafael Mondego Fontenele**  
Mestre em Gestão de Programas e Serviços de Saúde. Docente do Curso de Enfermagem IESF.  
**E-mail:** fhaelmondego@gmail.com

**Mayra Caroline Maranhão Araújo**  
Enfermeira. Pós-Graduada em Enfermagem Obstétrica e Neonatal (CEUMA).  
**E-mail:** mayra.caroly@gmail.com

**Ana Carolyne Abreu Fontenelle Torres**  
Graduada do 3º ano do Curso de Enfermagem (CEUMA).  
**E-mail:** karolfontynelle01@gmail.com

**Daniel Mussuri de Gouveia**  
Doutorando em Engenharia Biomédica (Universidade Brasil). Professor Assistente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).  
**E-mail:** danielmussury@hotmail.com

**Aline Sharlon Maciel Batista Ramos**  
Mestre em Saúde e Meio Ambiente. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade CEUMA.  
**E-mail:** alinesharlon@gmail.com

Submissão: 03/04/2019  
Aprovação: 01/08/2019

## Introdução

A violência no trabalho passou a ser reconhecida como uma questão relevante para a saúde dos trabalhadores no final da década de 1980<sup>1</sup> e possui múltiplas configurações que nos levam a cogitar uma possível multiplicidade de atos individualizados com características perversas, que explicitam a plenitude das relações sociais competitivas, desrespeitosas ou de não reconhecimento ao fazer do outro<sup>2</sup>.

Tal fenômeno do cotidiano das instituições de saúde tem sido motivo para debates sindicais, que independente da profissão, vem denunciando essas situações no ambiente de trabalho, tendo em vista a vulnerabilidade dos trabalhadores a ataques agressivos de usuários dos serviços de saúde, sejam públicos ou privados<sup>3</sup>.

Pesquisa realizada com intuito de analisar a exposição de profissionais de enfermagem a riscos ocupacionais revelou a violência como terceiro grupo de destaque, e que a vulnerabilidade a este fenômeno decorre do processo de trabalho, das necessidades de saúde dos sujeitos e comunidades e do risco de exposição à/ao agressão/agressor, tipo de agressão, gestão em saúde, do próprio profissional e das condições sociais, econômicas e culturais da realidade em que o mesmo está inserido<sup>4</sup>.

As condições de saúde dos profissionais de saúde podem contribuir para afastamentos, causando perdas significativas da força de trabalho<sup>1</sup>, e apesar da capacitação para o cuidado, algumas variáveis relacionadas a estas condições podem modificar o modo que a equipe de enfermagem desenvolve suas atividades e com isso, gerar conflitos que, se não geridos adequadamente, tornam-se fontes de violência, explícita ou velada, que independentemente

da tipologia, interferem na qualidade de vida, saúde e segurança do trabalhador<sup>5</sup>.

A violência perpetrada pelo paciente e/ou visitante é considerada um risco ocupacional entre os profissionais da saúde, com destaque para a enfermagem, devido seu tempo de permanência e interação com os usuários e seus acompanhantes, no entanto deve-se atentar à violência inerente às relações laborais estabelecidas entre colegas de trabalho e/ou superiores, pois estas também podem acarretar severas consequências<sup>6</sup>.

A experiência da agressão gera dificuldades relacionadas ao trabalho, onde a perda do sentido das ações laborais e o medo das recidivas pode desencadear o desenvolvimento de sofrimento que se expressa em distúrbios; como síndromes pós-traumáticas, depressão, entre outras<sup>7</sup>.

Diante do exposto, é necessário discutir o enfrentamento da violência no trabalho enquanto fenômeno relevante para a saúde dos trabalhadores da saúde. Pensando nisso, o presente estudo aborda as características e repercussões da violência ocupacional no contexto da saúde do trabalhador de enfermagem e partiu-se dos seguintes questionamentos: Quais os principais tipos de violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem? Quais os eventos causadores de atitudes violentas no ambiente laboral? Como estes profissionais reagem frente à violência sofrida e qual a repercussão dessas vivências na saúde desses profissionais?

Neste contexto, objetivou-se analisar as evidências científicas referentes à violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem, com ênfase nos principais tipos, eventos

desencadeadores, mecanismos de defesa e suas repercussões na saúde desses profissionais.

## Material e Método

Utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica do tipo Revisão Integrativa, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura e artigos científicos divulgados no meio eletrônico.

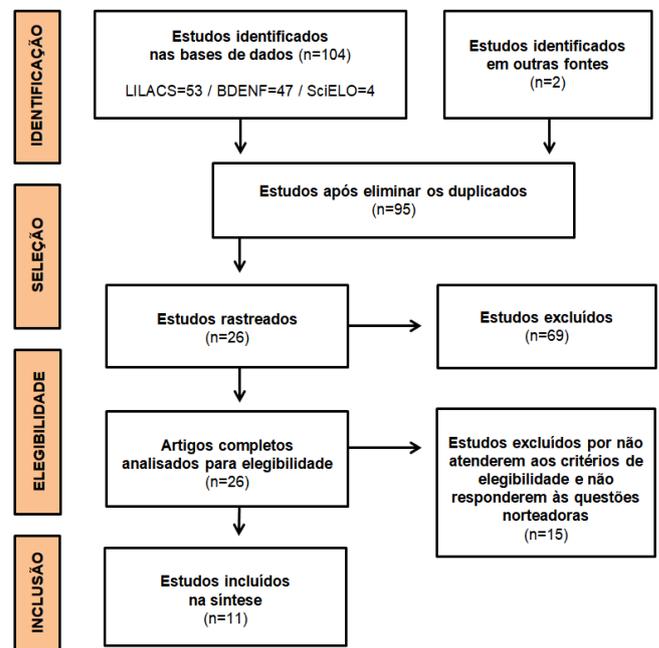
O levantamento das publicações ocorreu, concomitantemente, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2019, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando a combinação dos seguintes descritores em ciências da saúde (DeCS): violência no trabalho, profissionais de enfermagem e saúde do trabalhador.

Admitiram-se estudos disponíveis eletronicamente, na íntegra, que abordaram a violência ocupacional perpetrada contra enfermeiros, técnicos e/ou auxiliares de enfermagem brasileiros; publicados em português, no período de 2014 a 2018. Excluíram-se os estudos documentais, resenhas críticas, relatos de experiência, revisões sistemáticas e de literatura, dissertações de mestrado, teses de doutorado, monografias, resumos publicados em anais de eventos, artigos de reflexão, editoriais, além de publicações que não atenderam aos critérios de elegibilidade.

A busca e a seleção dos estudos foram realizadas simultaneamente, por dois revisores independentes, buscando-se um consenso junto a um terceiro revisor, em casos de divergência.

O processo de busca e seleção dos estudos foi elaborado de acordo com as recomendações do PRISMA<sup>8</sup> e está representado na Figura 1.

**Figura 1.** Fluxograma do processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos. São Luís, MA, Brasil, 2019.



Na apresentação de resultados, optou-se por sistematizar os artigos selecionados em forma de tabela, constando os seguintes itens: autoria e ano de publicação, periódico, tipo de estudo e violência frequente, permitindo melhor visualização e categorização dos dados obtidos.

## Resultados e Discussão

Inicialmente, foram encontrados 106 resultados a partir da estratégia de busca pelas bases de dados LILACS, BDENF, SciELO e através de outras fontes. Após a exclusão de 10 artigos duplicados, 95 artigos foram selecionados para análise do título e resumo, dos quais 26 foram considerados potencialmente relevantes para leitura na íntegra.

Após a leitura, as publicações que apresentaram discordância para compor a amostra final foram

novamente analisadas, sendo 15 excluídas por não atenderem aos critérios de elegibilidade e não responderem às questões norteadoras do estudo. Cessada a etapa de pré-seleção e seleção do material,

permaneceram 11 publicações, que contemplaram a amostra final desta revisão, conforme descrito na Tabela 1.

**Tabela 1.** Caracterização dos estudos selecionados de acordo com a autoria, ano de publicação, periódico, tipo de estudo e agravos relevantes. São Luís, MA, Brasil, 2019.

<b>Autores</b>	<b>Periódico</b>	<b>Tipo de Estudo</b>	<b>Agravos Relevantes</b>
Silva; Aquino; Pinto, 2014 <sup>9</sup>	Cad Saúde Pública.	Estudo de corte transversal.	Agressão Verbal.
Souza; Costa; Gurgel, 2014 <sup>10</sup>	J Res.: Fundam Care	Estudo exploratório, descritivo e quantitativo.	Violência em unidades de Urgência e Emergência.
Lima; Sousa, 2015 <sup>11</sup>	Rev Bras Enferm	Estudo descritivo, quantitativo de corte transversal.	Violência Psicológica: Agressão Verbal e Assédio Moral.
Pai et al., 2015 <sup>12</sup>	Rev Esc Enferm USP	Estudo transversal.	Violência em unidades de Urgência e Emergência.
Silveira et al., 2016 <sup>13</sup>	J Nurs Health	Estudo descritivo, exploratório e qualitativo.	Agressão Verbal e Física
Cordenuzzi et al., 2017 <sup>14</sup>	Rev Gaúcha Enferm	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.	Violência em serviços de Hemodiálise.
Paula et al., 2017 <sup>15</sup>	SMAD Rev Eletr Saúde Mental Álcool Drog	Estudo descritivo e qualitativo.	Violência Psicológica e Institucional.
Scaramal et al., 2017 <sup>16</sup>	REME - Rev Min Enferm	Estudo qualitativo, descritivo.	Agressão Física.
Vieira, 2017 <sup>17</sup>	Rev Bras Saúde Ocup	Estudo Transversal.	Agressão Física.
Freitas et al., 2017 <sup>18</sup>	Rev Gaúcha Enferm	Estudo descritivo e qualitativo.	Violência Verbal.
Pai et al., 2018 <sup>19</sup>	Texto Contexto Enferm	Estudo transversal quanti-qualitativo.	Violência Física e Violência Psicológica: Agressão Verbal e Assédio Moral.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os resultados foram agrupados em três categorias: *Perfil e eventos desencadeantes da violência entre profissionais de enfermagem, mecanismos de defesa frente à perpetração da*

*violência e repercussões da violência na saúde dos profissionais de enfermagem.*

### **Perfil e eventos desencadeantes da violência entre profissionais de enfermagem**

Os resultados permitiram identificar que a violência psicológica representada pelo seu subtipo agressão verbal foi mais prevalente<sup>9,11,13,15,18,19</sup>. Ao investigar sobre cada um dos cinco tipos de violência (física, verbal, assédio sexual, discriminação e danos contra a propriedade pessoal)<sup>9</sup>, constataram que os profissionais referiram pelo menos uma destas modalidades, sendo a agressão verbal a mais frequente, atingindo, especialmente, os auxiliares e técnicos em enfermagem<sup>9</sup>.

A violência psicológica em face de agressões verbais e físicas quando cometida por pacientes com transtorno mental é naturalizada no local de trabalho como expressão da insatisfação em face da colocação de limites pela equipe. No entanto, há situações em que é vista como ameaça à integridade e segurança dos profissionais, principalmente nos quadros de agitação psicomotora, em que há necessidade de utilização de contenção química (uso de neurolépticos) e/ou mecânica<sup>15</sup>.

No que diz respeito à percepção de segurança em relação a agressões no ambiente de trabalho, os profissionais relataram não se sentirem seguros<sup>17</sup>. A preocupação com a violência entre os auxiliares/técnicos de enfermagem foi mais prevalente, visto que o trabalho nesta função aumentou quase quatro vezes a ocorrência de violência no trabalho em saúde<sup>9</sup>, corroborando estudo<sup>12</sup> onde os sujeitos foram expostos a situações de violência foram os pertencentes a esta categoria profissional, seja pela maior interação física ou pelo maior espaço temporal em contato com os pacientes<sup>19</sup>.

A violência ocupacional relaciona-se ao conteúdo e ao contexto do trabalho de enfermagem, visto a exposição destes profissionais a agressões verbais, físicas e psicológicas advindas da organização do trabalho. A superlotação, o déficit de recursos humanos e de materiais gera sobrecarga de atividades, colaboram para a demora no atendimento e provocam estresse tanto para o paciente como para equipe de enfermagem<sup>13</sup>.

O tempo de experiência e a carga horária semanal de trabalho também favorecem a prática da violência no ambiente de trabalho, pois a inexperiência pode acarretar, além de atrasos, falhas na segurança do paciente, uma vez que as iatrogenias constituem fatores de risco para o surgimento da violência no ambiente ocupacional, enquanto a carga horária semanal pode desencadear uma sobrecarga determinante de sofrimento e estresse decorrentes do excesso de trabalho<sup>10</sup>.

O turno de trabalho foi mencionado como fator contribuinte para a desarmonia no trabalho, evidenciando a necessidade de atenção no gerenciamento e dimensionamento de recursos humanos a fim de evitar a sobrecarga de serviço, prejuízo físico, emocional e psicológico<sup>10</sup>.

Os acompanhantes violentos, seguido dos próprios trabalhadores, a falta de treinamento para lidar com a situação de violência; as longas filas de espera, a falta de seguranças ou policiais e a estrutura física inadequada foram os fatores mais citados como relacionados à ocorrência de violência<sup>10</sup>.

Estudo realizado em unidade de internação psiquiátrica de hospital universitário do Rio de Janeiro<sup>15</sup> defende que o familiar pode comparecer aos serviços de saúde apresentando sinais de ansiedade,

motivados pela falta de clareza quanto as regras estabelecidas, projetando na equipe o próprio desgaste através de atitudes hostis. Esse conflito entre trabalhadores e usuários é influenciado pela sobrecarga de atividades e superlotação das unidades<sup>16</sup>.

Estudo transversal realizado com 125 técnicos de enfermagem<sup>17</sup> observou que as mulheres apresentaram 2,8 vezes mais chance de passar pela experiência de ser agredidos fisicamente, os profissionais que relataram não se sentir seguros apresentavam 4,89 vezes mais chance de serem agredidos e aqueles com maior tempo de experiência apresentaram 11,3 vezes mais chance de sofrerem agressão.

A vivência de agressão física é frequente entre os profissionais de enfermagem. Entretanto, houve pouco suporte da instituição aos profissionais vitimados, apesar dos relatos de consequências físicas e psicológicas. O registro dos casos não reflete a real situação dentro das instituições e os profissionais agredidos tendem a se sentir insatisfeitos e desenvolver atitudes psicológicas desfavoráveis em relação aos pacientes, o que pode influenciar na qualidade da interação profissional/paciente, precipitando novos episódios de agressão física no ambiente de trabalho<sup>17</sup>.

Há uma diversidade de razões pelas quais a violência contra os trabalhadores de enfermagem acontece, entretanto, todas se relacionaram ao processo de trabalho, desde a demora na prestação de serviços, a condição patológica dos pacientes, as formas de estabelecer as relações sociais, os problemas de comunicação, a disputa de poder, a hierarquia até as condições de trabalho<sup>16</sup>. A estrutura

organizacional permite, instiga, incita ou mesmo perpetua a violência, uma vez que as agressões perpetradas pelos pacientes, são motivadas pela revolta diante da qualidade dos serviços prestados, somados aos desacordos nas condutas assistenciais<sup>19</sup>.

Estudo realizado com profissionais que atuam no setor de acolhimento e classificação de risco revelou que a falta de informação faz com que os usuários procurem atendimento no local inadequado, levando-os a dificuldades de aceitação da classificação recebida. Assim como o fornecimento de informação incompleta por parte do profissional e o déficit na atenção primária dificulta a produção em saúde, aumenta a demanda, o tempo de espera por atendimento e a demora na resolução dos problemas de saúde dos usuários<sup>18</sup>.

### **Mecanismos de defesa frente à perpetração da violência**

Quando questionados se consideravam a violência ocupacional como fenômeno normal ou algo que faz parte do seu trabalho, observou-se que a maioria dos profissionais da equipe de enfermagem não a aceitou como fator inerente ao seu trabalho, considerando a sua ocorrência algo anormal, apesar de dentro do comum<sup>10</sup>.

As estratégias utilizadas pelos trabalhadores de enfermagem foram representadas pela tolerância à violência devido à condição de saúde do paciente, compreendendo o comportamento violento dos usuários como uma manifestação da não aceitação da doença e da dependência do tratamento. Além disso, eles contornavam a situação conflitante, cedendo às solicitações dos pacientes para não sofrerem a agressão, ainda que isso contrariasse as recomendações ou normas do serviço<sup>14</sup>.

Em casos mais graves, os profissionais adotaram um posicionamento de rejeição à violência, por acreditar que uma postura firme de não aceitação da violência poderia, mesmo que sem resolver o problema, evitar ou amenizar novos episódios de agressões, e quando já vitimados, optaram por afastar-se do paciente, evitando a prestação de cuidados ao agressor<sup>14</sup>, corroborando estudos<sup>16</sup> onde na busca pela autodefesa, eles desenvolveram mecanismos hostis com pacientes e outros colegas, além da negação, do distanciamento afetivo e da imparcialidade quanto aos motivos desencadeadores da agressividade, avaliando as situações sem emitirem opiniões e desprovidos de valores.

O silêncio também foi adotado como forma de proteção à violência e os profissionais agredidos referiram buscar apoio com a equipe de trabalho. Desse modo, a criação e implementação de protocolos que abordem a violência no ambiente laboral pode configurar uma estratégia que estimule a denúncia<sup>13</sup>. Em contrapartida, há quem utilize como principal defesa a comunicação, como uma alternativa de resiliência, no sentido de alterar a interpretação do agressor e transformar a realidade para evitar o fenômeno<sup>16</sup>.

Como reação à violência psicológica e seus subtipos, os resultados de Lima e Sousa<sup>11</sup> demonstraram que os trabalhadores tentaram fingir que nada aconteceu ou não tiveram qualquer tipo de reação frente a violência sofrida. Além disso, poucos enfermeiros que sofreram agressão verbal registraram boletim de ocorrência e abriram processo contra o agressor, revelando o desinteresse destes trabalhadores perante as ocorrências. Quanto ao registro dos casos de violência verbal e a busca de

ajuda para o problema, há evidências de certa apatia por parte dos profissionais de enfermagem, relacionada ao fato de a violência psicológica e seus subtipos possuir menor impacto e, muitas vezes, fazerem parte do cotidiano de trabalho desses profissionais<sup>15</sup>.

Quanto ao registro da ocorrência de agressão por meio da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), os profissionais agredidos relataram ter registrado. No entanto, o número de registros no Serviço de Segurança do Trabalho (SST) foi abaixo do esperado<sup>17</sup>. Situações como esta, despertam sentimentos de impotência, angústia, medo de reagir às agressões, desvalorização e inferiorização dos próprios valores. Os trabalhadores tentam manter a calma, temendo prejudicar não somente a sua vida profissional, mas também sua vida pessoal<sup>16</sup>.

Ao avaliar as condutas de prevenção, redução ou eliminação da violência no ambiente de trabalho, os trabalhadores referiram não existir quaisquer medidas em seus locais de trabalho<sup>11</sup>. Observou-se ainda, que há um déficit de participação dos profissionais em treinamentos quanto ao esclarecimento e enfrentamento da violência no ambiente de trabalho, seja durante a formação ou nas instituições de saúde, logo, é imperativa a abordagem da problemática na grade curricular do curso de graduação em enfermagem e nos serviços de saúde<sup>10</sup>.

### **Repercussões da violência na saúde dos profissionais de enfermagem**

A violência no trabalho pode repercutir sobre diferentes aspectos da vida laboral e possui relação negativa sobre a satisfação e o reconhecimento no trabalho. Há uma correlação significativa entre trabalhadores com Transtornos Psíquicos Menores

(TPM) e a exposição a múltiplas formas de violência, e que esta cresceu em 60% as chances desses transtornos. Constatou-se ainda, a ocorrência de Burnout entre aqueles que haviam sofrido violência no trabalho, associada aos altos níveis de exaustão emocional, baixa realização profissional e alta despersonalização<sup>12</sup>.

Há escassez de suporte institucional após a ocorrência do episódio de agressão física e a perpetração da violência contra os profissionais de enfermagem pode resultar em lesões físicas e acometimento psicológico, levando-os ao afastamento do serviço por meio de licença médica. Porém, apesar de associada ao absenteísmo, a violência ocupacional não tem sido registrada como tal, revelando certa naturalização da mesma nos serviços de saúde<sup>17</sup>.

No que se refere à prevalência de acidentes do trabalho entre os profissionais expostos à violência, não há evidências comprobatórias, no entanto, compreendem-se os acidentes como representações dos prejuízos emocionais e cognitivos resultantes da vivência sofrida<sup>12</sup>.

Tendo em vista o trabalho árduo e as experiências cotidianas da equipe de enfermagem, a violência institucional caracterizada pela insuficiência de recursos humanos e materiais pode acarretar simultaneamente o sofrimento mental e físico<sup>15</sup>. Tal fato também foi citado como violência estrutural, cujo impacto gera outras violências e, assim, abala-se a integridade moral do trabalhador, e o sofrimento se instala<sup>19</sup>.

## Conclusão

Os profissionais de enfermagem estão expostos à violência ocupacional diária e constantemente, sendo as violências verbal e

física mais prevalente, cometida por usuários motivados pela precariedade da infraestrutura institucional, déficit de materiais, recursos humanos e superlotação das unidades.

Os efeitos da violência são devastadores, levando-os ao desenvolvimento simultâneo de sofrimento físico e psicológico, e a possíveis afastamentos do trabalho por licença médica. A subnotificação dos casos e a escassez de suporte institucional frente às ocorrências caracteriza a naturalização deste fenômeno nos serviços de saúde. Com isso, os profissionais desenvolvem mecanismos de defesa ineficientes que, em sua maioria, os expõem a novos episódios de violência.

Como pontos limitantes desta pesquisa, cita-se o a busca bibliográfica apenas no idioma português e o recorte temporal restrito. Contudo, o estudo pode contribuir na criação de políticas institucionais voltadas à saúde do trabalhador que promovam a proteção contra a violência e o enfrentamento adequado deste fenômeno por parte dos profissionais de enfermagem, favorecendo um ambiente saudável para o desempenho de suas atividades laborais. Salienta-se ainda, a necessidade de mais estudos que fomentem a compreensão desta problemática e apoiem propostas que possibilitem ao cenário menor vulnerabilidade às violências.

## Referências

1. Campos AS, Pierantoni CR. Violência no trabalho em saúde: um tema para a cooperação internacional em recursos humanos para a saúde. Rio de Janeiro: RECIIS - Rev Eletr Com Inf Inov Saúde. 2010; 4(1):86-92.

2. Barreto M, Heloani R. Violência, saúde e trabalho: uma intolerância e assédio moral nas relações laborais. São Paulo: Serv Soc Soc. 2015; 123:544-561.
3. Machado MH, Santos MR, Oliveira E, Wermelinger M, Vieira M, Lemos W, et al. Condições de trabalho da enfermagem. Rev Enferm Foco. 2016; 7(ESP):63-76.
4. Arcanjo RVG, Chistovam BP, Braga ALS, Silvino ZR. Gerenciamento dos riscos ocupacionais da enfermagem na atenção básica: estudo exploratório descritivo. J Res Fundam Care Online. 2018; 10(2):351-357.
5. Pedro DRC, Silva GKT, Lopes APAT, Oliveira JLC, Tonini NS. Violência ocupacional na equipe de enfermagem: análise à luz do conhecimento produzido. Rio de Janeiro: Saúde Debate. 2017; 41(113):618-629.
6. Bordignon M, Monteiro MI. Violência no trabalho da enfermagem: um olhar às consequências. Rev Bras Enferm. 2016; 69(5):939-42.
7. Sznalwar LI. Violence and work. Porto: Laboreal. 2017; 13(2):70-72.
8. Galvão TF, Pansani TSA, Harrad D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: a recomendação PRISMA. Brasília: Epidemiol Serv Saúde. 2015; 24(2):335-342.
9. Silva IV, Aquino EML, Pinto ICM. Violência no trabalho em saúde: a experiência de servidores estaduais da saúde no Estado da Bahia, Brasil. Rio de Janeiro: Cad Saúde Pública. 2014; 30(10):2112-2122.
10. Souza AAM, Costa WA, Gurgel AKC. Aspectos relacionados à ocorrência de violência ocupacional nos setores de urgência de um hospital. J Res Fundam Care Online. 2014; 6(2):37-650.
11. Lima GHA, Sousa SMA. Violência psicológica no trabalho de enfermagem. Brasília: Rev Bras Enferm. 2015; 68(5):817-823.
12. Pai DD, Lautert L, Souza SBC, Marziale MHP, Tavares JP. Violência, burnout e transtornos psíquicos menores no trabalho hospitalar. São Paulo: Rev Esc Enferm USP. 2015; 49(3):457-464.
13. Silveira J, Karino ME, Martins JT, Galdino MJQ, Trevisan GS. Violência no trabalho e medidas de autoproteção: concepção de uma equipe de enfermagem. J Nurs Health. 2016; 6(3):436-46.
14. Cordenuzzi OCP, Lima SBS, Prestes FC, Beck CLC, Silva RM, Pai DD. Estratégias utilizadas pela enfermagem em situações de violência no trabalho em hemodiálise. Porto Alegre: Rev Gaúcha Enferm. 2017; 38(2):e58788.
15. Paula GS, Oliveira EB, Silva AV, Souza SRC, Fabri JMG, Guerra OA. Violência relacionada ao trabalho na psiquiatria: percepção dos trabalhadores de enfermagem. Ribeirão Preto: Rev Eletr Saúde Mental Álcool Drog. 2017; 13(2):86-92.
16. Scaramal DA, Haddad MCFL, Garanhani ML, Nunes EFPA, Galdino MJQ, Pissinati PSC. Violência física ocupacional em serviços de urgência e emergência hospitalares: percepções de trabalhadores de enfermagem. REME - Rev Min Enferm. 2017; 21:e-1024.
17. Vieira GLC. Agressão física contra técnicos de enfermagem em hospitais psiquiátricos. São Paulo: Rev Bras Saúde Ocup. 2017; 42:e8.
18. Freitas RJM, Pereira MFA, Lima CHP, Melo JN, Oliveira KKD. A violência contra os profissionais da enfermagem no setor de acolhimento com classificação de risco. Porto Alegre: Rev Gaúcha Enferm. 2017; 38(3):e62119.
19. Pai DD, Sturbelle ICS, Santos C, Tavares JP, Lautert L. Violência física e psicológica perpetrada não trabalho em saúde. Florianópolis: Texto Contexto Enferm. 2018, 27(1):e2420016.